

Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão

Domingos Gabriel Ndele Nzau
Universidade da Beira Interior
donzau@gmail.com

José Carlos Venâncio
Universidade da Beira Interior
jcvenancio@sapo.pt

Maria da Graça d'Almeida Sardinha
Universidade da Beira Interior
mggds@ubi.pt

Data de receção do artigo: 02-05-2012

Data de aceitação do artigo: 13-06-2012

Resumo

Desde a sua introdução no século XV, a língua portuguesa, enquanto instrumento de contacto e de comunicação, enraizou-se em Angola, tendo vindo a assumir características próprias, de acordo com a realidade sociocultural e sociolinguística angolana. Perante tal situação, este texto procura, no âmbito da (socio)linguística, refletir sobre alguns aspectos relacionados com a difusão do Português naquele país lusófono que remetem para: i) plurilinguismo e multilinguismo angolanos; ii) interferências linguísticas e desvios morfossintáticos; iii) consagração de uma variante angolana do português.

Palavras-chave: Plurilinguismo – Multilinguismo – Interferência Linguística – Variação Linguística.

Abstract

Since its introduction in the 15th century, the Portuguese language, as a means of contact and communication, rooted in Angola, having come to acquire typical features, according to the Angolan socio-cultural and sociolinguistic reality. In the face of this situation, this text attempts, under the (socio)linguistic, reflect on some aspects related to the

Portuguese language diffusion in that Lusophone country, referring to: i) plurilingualism and multilingualism Angolan; ii) language interferences and deviations morfo-syntactic; iii) consecration of Angolan Portuguese variant.

Keywords: Plurilingualism – Multilingualism – Language Interferences – Linguistic Variation.

Introdução

São duas as questões que se podem colocar *a priori* quanto à presença da língua portuguesa em Angola, o fio condutor da nossa reflexão: i) explicar como é que uma língua de família indo-europeia, exterior a Angola, pode fazer parte do património cultural de um país africano, maioritariamente bantu, sendo, se não o principal, pelo menos um dos grandes vetores na redução das distâncias étnicas; ii) as implicações (sócio)linguísticas e culturais que poderão daí resultar. A resposta imediata é, indiscutivelmente, a colonização. Porém, tal resposta torna-se demasiado simplista, pois uma análise mais substancial permite introduzir outros fatores de natureza linguística, política (...) e social, cujo propósito é o de ajudar a compreender a realidade subjacente às questões anteriores, sem ignorar, como é óbvio, o impacto matricial desse fenómeno colonial. Consideremos, por ora, a colonização como ponto de partida.

Paralelamente ao que sucedeu na Península Ibérica em relação à imposição do latim pelos romanos, os portugueses, como potência colonizadora, impuseram a sua língua e cultura aos povos encontrados no território que hoje é Angola, fruto de uma certa hegemonia económica e sociopolítica que se manteve até à progressiva conquista colonial. Nesse processo de implantação da língua portuguesa em terras inóspitas, o comércio e a religião são considerados dois instrumentos de importância assinalável, por implicarem maior contacto entre diversos povos e línguas. Tais contactos, que se acentuaram sobretudo nos séculos XVIII e XIX, permitiram aproximar línguas diferentes, tornando-as vulneráveis, obviamente, a interferências interlinguísticas. Entretanto, o português daquelas paragens funcionou, de uma maneira geral, como língua franca, equivalendo ao saber, ou seja, um idioma acessório, com uma estrutura gramatical mal caracterizada, e um léxico pobre. Daí que, quer o seu primeiro conseqüente pidgin, quer o segundo, crioulo, que

resulta da evolução do seu antecedente, serem ridicularizados pelos colonizadores como

Gíria ridícula, composto monstruoso de antigo português e das línguas da Guiné, que aquele povo tanto preza e os mesmos brancos não se comprazem d'imitar. (Lima 1841: 331)

ou

Idioma mais perverso, corrupto e imperfeito, sem gramática e que não se pode escrever... (Veiga 2004: 33)

Enquanto idioma acessório, o sabir (língua franca) não substituíra a língua de origem daqueles que o falavam, pois não deixava de parecer um idioma “estranho”, na medida em que nem era português nem outra língua qualquer. Respondia, apenas, a necessidades comunicativas limitadas resultantes da combinação de línguas que esse tipo de necessidade colocou em contacto. A evolução do sabir ao longo do tempo torna-o sistema completo, embora língua segunda da população: o pidgin; da complexidade deste resulta outro idioma que se torna língua materna da(s) comunidade(s): o crioulo, como, aliás, aconteceu em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, no caso concreto da África lusófona.

Acerca do contacto de línguas: implicações no português em Angola

Na sequência do que acabamos de referir no ponto anterior, colocamos a seguinte questão: Por que não foi desenvolvido um crioulo em Angola, sabendo-se que houve contactos entre línguas?

De facto, o contacto de línguas é uma condição essencial para a emergência do crioulo. Todavia, durante a segunda metade do século XIX angolano, que se pode considerar o primeiro período de maior contacto entre a língua portuguesa e as línguas angolanas de origem África, devido ao esforço português de conquista do interior, o processo de pidginização não teve vida contínua como sucedeu em alguns países da comunidade dos PALOP onde este processo evoluiu para língua principal ou mesmo única da população. Em Angola, tal como em Moçambique, razões políticas, históricas, geográficas e até sociolinguísticas impossibilitaram a sobrevivência dos pidgins, tais como: i) incremento considerável da população de proveniência europeia; ii) existência de sociedades africanas sistematizadas, à

chegada dos portugueses¹, facto que terá implicado maior resistência ao português, que era considerado como elemento estranho à cultura, ou língua do invasor; iii) tratando-se de um território de elevada densidade territorial, só numa fase em que a pidginização já se sistematizava (em crioulo) é que o português começou a difundir-se para o interior, espaço que representava a maior parte de Angola e dos angolanos; iv) mesmo se admitindo a existência de uma elite afro-europeia, o processo de pidginização não chegou à fase da criação de um novo sistema linguístico que se podia considerar como tal. Tal elite, bilingue, embora houvesse monolíngues de português, manteve as suas línguas, havendo, inclusive, fases de superiorização das línguas africanas face à língua portuguesa, sobretudo kimbundu e kicongo; v) apesar de não haver vida contínua ao processo de pidginização em Angola, admitimos, contudo, a existência de um falar português híbrido – o “pretoquês”² – que, à semelhança da franja da população afro-europeia miscigenada, resultou da mistura do português com as línguas de origem africana. Esse linguajar tem vindo a dar origem, desde o século XVI, àquilo que a crítica designa genericamente por variedades reestruturadas do português³, denominando-as “Mestiço de Luanda” (Schuchardt 1888: 249), ou “Pequeno Português” (Valdman 1978: 22), ou “Português Vernacularizado” (Fernandes et al. 2002: 19). Entretanto, Mingas (1998) prefere a designação de “Português de Angola” ou simplesmente “Angolano”, ao se debruçar nestes termos:

Uma nova realidade linguística em Angola, a que chamamos ‘português de Angola’ ou ‘angolano’, à semelhança do que aconteceu ao brasileiro ou ao crioulo. Embora em estado embrionário, o ‘angolano’ apresenta já especificidades próprias [...] Pensamos que, no nosso país, o ‘português de Angola’ sobrepor-se-á ao português padrão como língua segunda dos angolanos. (Mingas 1998: 115)

Sem nos perdermos em comentários, parece, de facto, estarmos perante a emergência de uma maneira de falar português, que já não é mais a de Portugal nem do Brasil, mas, sim, especificamente angolana.

¹ Por exemplo, o reino do Congo, no caso de Angola, que Birmingham considera como primeira grande unidade política formada no século XIII, após as migrações bantu (Birmingham 1974), e, no caso de Moçambique, o reino de Monomotapa.

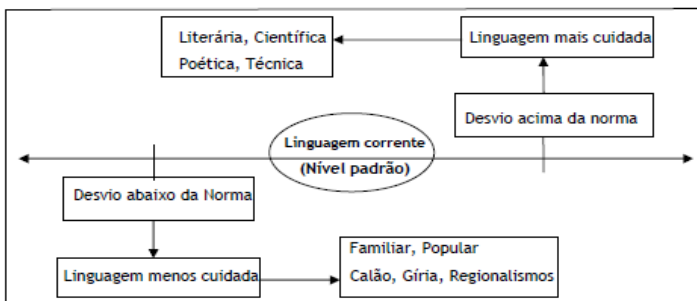
² Pode ter, entre outros significados, português (mal) falado pelos pretos.

³ Existe uma tendência de a crítica as designar, genericamente, por “português do musseque”. Ora, a realidade actual demonstra que o linguajar em causa está longe de ser uma exclusividade dos musseques (bairros suburbanos, normalmente desfavorecidos - pobres), acentuando, desde modo, o debate em torno do assunto.

Por ora, e por uma questão de prudência, preferimos a designação de Variante Angolana de Português (VAP). Tais reservas prendem-se com o facto de não haver estudos aprofundados nem jurisdição criteriosa que pudessem consagrar, oficialmente, a existência de uma variante padronizada do português angolano, à semelhança do que acontece em Portugal, onde as variantes do português correspondentes às regiões de Coimbra e Lisboa costumam ser consideradas como registo padrão. Esta lacuna, no caso angolano, é suscetível de desencadear interrogações diversas: Existirá um português angolano? Qual? A variante dos musseques? A variante falada na administração? A variante usada em documentos oficiais? Será uma variante semelhante ao português padrão europeu? [...] ou será uma variante híbrida, do tipo LB+LP, nascida da fusão de línguas banto com a língua portuguesa?

Como se depreende, existe um trabalho de base que, a fazer-se, deve passar: i) pela legitimação oficial da existência do tão propalado português angolano; ii) pelo estabelecimento de critérios convencionais para a padronização de uma variante dentro das variantes existentes em Angola; iii) pela definição dos âmbitos dos registos, ou seja, criação de condições para que, a partir do registo considerado corrente (normal), sejam estabelecidos outros que tanto se podem afastar acima da norma (literária, científica, poética, técnica), como abaixo dela (familiar, popular, gíria, calão, regionalismos), conforme a disposição ensaiada no esquema que se segue:

Figura 1: Disposição dos registos da linguagem



Fonte: Adaptação nossa

De facto, há situações de base por esclarecer, tornando-se longo o caminho a percorrer para a padronização da variante angolana do português. Nesta ótica, exige-se o esforço árduo de todos, principalmente dos investigadores, e a coragem dos decisores, visto

que o português angolano não só incorporará, necessariamente, elementos/traços do “centro” e da “periferia”, como, igualmente, os provenientes de influências externas.

Contudo, esta variante angolana do português, que pode ser considerada uma evolução natural daquilo que, por outras razões, se designou “pretoguês”, já se apresenta num estágio diferente de evolução linguística, em comparação com aquele. Por força dessa evolução, o português falado atualmente em Angola é uma variante que expressa a angolanidade, uma característica enriquecida pelo perfume das línguas africanas que lhe conferem uma sonoridade melódica, contendo, desde já, traços próprios proporcionadores de existência autónoma.

Interferências linguísticas

Tratando-se de uma sociedade pluralista, onde coabitam vários povos e línguas diferentes, a língua portuguesa tem vindo a realizar-se em situação de contacto de línguas, por um lado com as variadíssimas línguas angolanas de origem africana, e, por outro, com estas últimas entre si. Embora não seja nosso objetivo descrever o português falado em Angola, o que, necessariamente, implicaria uma abordagem dialetológica, apresentamos em quatro planos alguns traços que têm caracterizado a emergente variante do português angolano. A análise dos mesmos é feita em diferenciação com o português padrão europeu (PE), pois funciona, em nossa opinião, como a principal referência gráfico-compreensiva do português oficial angolano, mais do que o português padrão do Brasil (PB). O kimbundo será, de entre as várias línguas africanas de Angola, o principal termo de comparação, não apenas por se tratar de uma das línguas de Angola com mais tradição académica (apesar do atual retraimento de uso sobretudo nos centros urbanos), mas também por nos parecer, no universo das línguas de origem africana de Angola, aquela que mais influência tem exercido quer no PE, quer na própria VAP, nos vários níveis de descrição linguística, fundamentalmente no enriquecimento lexical. Contudo, sempre que for necessário, não escusamos de recorrer a exemplos de outras línguas angolanas de origem africana no intuito de os diversificar⁴.

⁴ Uma das nossas referências nesta abordagem sobre as interferências é a obra “Interferências do Kimbundu no Português Falado em Lwanda”, de Amélia Mingas.

1) Plano fonético

Neste plano, a atenção recai sobre a produção e perceção de determinados sons da língua portuguesa por parte de falantes angolanos da VAP, em comparação com a produção e perceção dos mesmos sons por locutores e ouvintes do PE. As demonstrações estão agrupadas em dois níveis: vocálico e consonântico.

1. Nível vocálico

O destaque recai sobre a realização das vogais /e/ e /o/, por nos parecer emblemática para o que pretendemos demonstrar. Na variante angolana do português, estas vogais tendem a realizar-se de forma aberta [ɛ] na posição inicial ou intermédia, com algumas variações que se verificam a nível prosódico. Contrastivamente, no português de Portugal distinguem-se as realizações tónica aberta [ɛ], média [e] e muda [ɐ]. O quadro que se segue pretende ilustrar as realizações supracitadas numa e noutra variante.

Tabela 1: Realização das vogais /e/ e /o/

Variante Angolana do Português(VAP)	Variante Portuguesa do Português (PE)
Comportamento do /e/	
Dedo [dɛdu]	Dedo [dêðu]
Vestido [vɛʃtidu]	Vestido [vêʃtidu]
Necessidade [nɛsɛsidade]	Necessidade [nesesiðaðɐ]
Comportamento do /o/	
Bolo [bɔlu]	Bolo [bolu]
Local [lɔkal]	Local [lukul]
Bonito [bɔnitu]	Bonito [bunitu]

Fonte: Adaptação nossa.

Notas:

1ª: O fonema [o] não se realiza em [u], conforme sucede em português, no fim da palavra. No kimbundo, este fonema tem o mesmo valor quer no princípio, quer no fim, variando apenas o grau de abertura.

2ª: As vogais /i/, /u/ realizam-se em semivogais /y/, /w/ quando combinam com vogais diferentes, o que remete para a ausência de ditongos. Esta situação tem repercussão na grafia de palavras de origem africana incorporadas no português:

Luanda: Lwanda/Luanda (Capital de Angola).

Cuanza: Kwanza/Kuanza (rio ou moeda de Angola).

Quiabo: kyabu/kiabu (legume).

Quianda: kyanda/kianda: (cidade em kimbundo).

2. Nível Consonântico

Aqui, destacamos alguns casos mais relevantes que diferenciam a variante angolana do português da de Portugal:

1º Acerca do /s/

Tem o valor fonético [s] = /ss/, mesmo em posição intervocálica. Este facto cria hesitação na pronúncia e na grafia de certos vocábulos. Vejamos:

Disanga [disaŋga] e não [dizãga]: bilha grande (em kimbundu).

Kusumba [kusum̃ba] e não [kuzũba]: comprar (em kimbundu e kicongo).

Masangu [masaŋgu] e não [mazãgu]: espécie de cereal local (em kicongo).

2º Acerca do /c/

Esta consoante é representada por /k/:

Candengue por kandenge: criancinha.

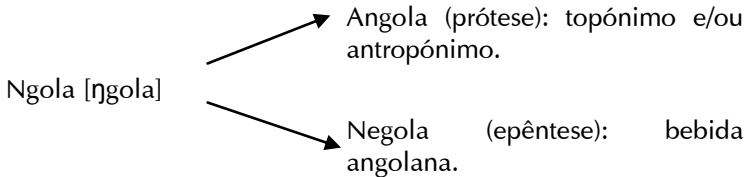
Catinga por katinga: um tipo de cheiro desagradável.

Cubaza por kubaza: ir-se embora.

3º Acerca do /g/

Tem o valor fonético [g] e não [ʒ]. Não necessita de /u/ para formar o som /gu/. Porém, normalmente é precedido da nasal [n] para

formar a pré-nasal [ŋg]. A falta desta pré-nasal no PE resulta o fenómeno de aportuguesamento de palavras quer por acrescentamento de fonemas (prótese, epêtese paragoge), quer por queda (aférese, síncope apócope):



Jínginga [ʒiŋgiŋga] e não Jínguinga [ʒiŋgiŋgɔ]: iguaria angolana.

Ngangela [ŋgaŋgela] e não nganguela [gãguela]: grupo etnolinguístico de Angola.

4º Acerca de /r/ e /R/

Não é frequente a realização do [r] nem [R]. Deste modo, para suprir a carência, os locutores de língua materna africana, sobretudo os menos escolarizados, recorrem com frequência ao lateral [l]. Em outras ocasiões, há alternância do [l] com [r]. Julgamos que o esforço de adaptar o [r] na VAP tem provocado um emprego deficiente deste, trocando-o por vezes por [R], como se pode verificar na tabela que a seguir apresentamos.

Tabela 2: Realização da consoante /r/

Variante Angolana do Português (VAP)	Variante Portuguesado Português (PE)
[fatar] ou [faRtar]	[faltar]
[morew] ou [mɔRɛw] ou [molew]	[muRɛw]
[karu] ou [kalu]	[kaRu]
[teRɛza] ou [tɛRɛza] ou [tɛlɛza]	[tôrezɔ]
[mutúri] ou mutudi [mutúdi]	[mutúri]

Fonte: Adaptação nossa.

6º Acerca de (NC)

Existem sequências do tipo nasal + consoante (NC) representadas pelos dígrafos /mb/, /nd/, /ng/, /mv/, /nz/. As mudanças fonéticas que ocorrem destas sequências contribuem bastante para o surgimento de neologismos externos provenientes da interferência interlinguística entre as línguas de origem africana e o português. Alguns destes neologismos já se encontram incorporados no léxico português, e usados no PE. Apresentamos para o efeito alguns exemplos: *kubaza* > *baza(r)*>*bazar*: ir-se embora; *kambuta*: de estatura baixa, anão; *mabanga*: nome de molusco; *mulembeira*: árvore frondosa; *jindungo*: piri-piri; *quimbanda*: curandeiro; *ngola*: ngola, Angola, ngola.

2) Plano morfológico

Aqui destacamos aspetos ligados a fenómenos de flexão (variações da forma da palavra), derivação por afixação (prefixação e sufixação) e fenómenos de composição (justaposição e aglutinação), por serem as principais áreas de interesse da morfologia. A língua portuguesa em Angola realiza-se com várias línguas de origem bantu. Esse facto é, por si, suficiente para justificar diferenças morfológicas entre a VAP e o PE. As interferências, no plano morfológico, introduzem mudanças estruturais, dando origem a criação de novas unidades lexicais, numa língua e noutra, a partir de processos diferenciados, graças às diferenças genealógicas e formais entre as línguas que entram em contacto. Do ponto de vista genealógico, o português é, conforme referimos atrás, uma língua novilatina, da família indo-europeia, ao passo que as línguas africanas de Angola pertencem, maioritariamente, ao ramo bantu, da família Congo-cordofaniana. Ora, ao lado da questão genealógica, há que destacar a estrutura morfológica das línguas em causa, que pretendemos esclarecer com a ajuda da tabela que se segue.

Tabela 3: Variação do número dos nomes em kimbundo e no português

Kimbundo		Português	
Singular	Plural	Singular	Plural
Mu-hetu (1ª clas.)	A-hetu	Mulher	Mulheres
Mu-lele (2ª clas.)	Mi-lele	Pano	Panos
Ki-tuxi (3ª clas.)	I-tuxi	Pecado	Pecados
Di-kamba (4ª clas.)	Ma-kamba	Amigo	Amigos

Fonte: Adaptação nossa.

De acordo com a tabela, conclui-se que enquanto na língua portuguesa a variação de género e número é feita com recurso a morfemas gramaticais travados na parte final da unidade lexical, nas línguas bantu, os nominais organizam-se em classes representadas por grupos paritários de prefixos (Mingas 2000: 66), que assim se designam por antecederem a base nominal, ou núcleo semântico⁵. Ainda no que toca ao plano morfológico, concretamente às novas configurações formais que os nominais e verbos vão adquirindo por influência do processo de contacto interlinguístico, Mingas (op. cit.) adverte para o facto de não haver uniformização quanto aos neologismos (kimbundismos) lexicalizados na língua portuguesa. No caso dos verbos da maioria das línguas bantu, e de kimbundo em particular, a lexicalização faz-se eliminando o prefixo do singular (aférese), adicionando à base verbal (paragoge) a desinência do infinitivo português:

Tabela 4: Morfologia do verbo em kimbundo e no português

Kimbundo	Lexicalização em Português	Significado em Português
Kusungila	Sunguilar	Fazer serão
Kuxinga	Xingar	Insultar
Kubaza	Bazar	Ir-se embora

⁵ Sendo uma matéria tratada em muitos estudos publicados, preferimos não nos alongarmos nos exemplos, visto que podem ser encontrados em trabalhos como: Interferência do Kimbundo no português Falado em Lwanda, de Amélia Mingas (2000); Contributo para o Estudo de Ibinda, de Domingos Nzau (2004); Algumas Considerações Sobre a Problemática Linguística em Angola, de Irene Marques (1983), entre outros.

Kukoxila	Cochilar	Dormitar
Kuxingila	Xinguilar	Agitar-se
Kuzunga	Zungar	Deambular
Kujinga	Jingar	Desfilar

Fonte: Adaptação nossa.

Mediante o exposto, nota-se que: i) o infinitivo em kimbundo compõe-se de um prefixo, normalmente “ku-”, e de um tema verbal que termina, geralmente, pelo grafema “-a”, em diferenciação com a língua portuguesa, marcada pela ausência do prefixo, tendo como característica principal do infinitivo a desinência “-r”; ii) em termos pedagógicos, pode estabelecer-se um paralelismo entre o prefixo “ku-” do kimbundo e o morfema “to”, indicativo por excelência do infinitivo inglês. Nesta ótica, admite-se uma aproximação estrutural entre o infinitivo inglês e o de kimbundo e o infinitivo inglês.

Quanto aos nominais, aqui ocorrem mais processos de lexicalização. Com efeito e sem delongas, uma vez que a nossa intenção restringe-se a demonstrar com exemplos como tal processo desenrola, vamos referir⁶: i) os casos de lexicalização apenas a partir do singular⁷: kubata > *cupata* (palhota), kyabu > *quiabo* (um tipo de legume), kasule > *caçula* (o/a último/a filho/a), kambuta > *cambuta* (de pequena estatura), kandenge > *candengue* (criancinha), museke > *musseque* (bairro periférico); ii) os casos de lexicalização a partir da perda de prefixo do singular: Dikota > *cota* (mais velho), dikamba > *camba* (amigo), disanga > *sanga* (bilha); iii) os casos de lexicalização apenas a partir do plural: misanga > *missanga* (jóia/s tradicional/is), imbamba > *imbamba* (bagagem), milongu > *milongo* (medicamento/s), jindungu > *jindungo* (baga/s picante/s); iv) os casos de lexicalização do singular e plural: dika > *dica* (informação) e maka > *maca* (problemas, discussões, situações).

3) Plano sintático

Enquanto disposição de elementos na sequência horizontal, quer para formar palavras e sintagmas, quer para formar frases, o plano sintático é um campo complexo, cuja complexidade resulta

⁶ Inspirámo-nos em Interferência de Kimbundu no Português falado em Lwanda (2000), de Amélia Mingas, pp. 78-81.

⁷ O itálico indica a forma lexicalizada no português.

fundamentalmente das diferenças entre os sistemas linguísticos em análise, mais concretamente da característica matriz das línguas bantu: a existência de prefixos que regem o acordo entre o nome e a classe. Podemos afirmar, nesta perspetiva, que o plano sintático, ao lado do lexical, é onde se evidenciam, de forma intensa, as principais marcas das línguas nacionais de origem africana, em virtude de muitos angolanos falantes da língua portuguesa terem como língua materna uma dessas línguas.

Sendo as principais línguas com função identificadora⁸, é natural que, ao usarem o português, façam a transferência das estruturas e dos esquemas da sua gramática intuitiva das línguas africanas para a gramática da língua portuguesa. É disso que nos fala Marques quando, em relação a construções do tipo “*os pai”, “*as casa”, “*os pioneiro”, “*as camarada”, em falantes angolanos com fraco domínio da língua portuguesa, afirma:

Como ele [o falante angolano] raciocina dentro da lógica da sua língua materna, para ele, o artigo português pode confundir-se com o prefixo e a sua função na língua materna. (Marques 1983: 219).

Mingas (2000: 67) aponta no mesmo sentido, ao considerar as diferenças entre os sistemas linguísticos em causa como responsáveis para a produção de enunciados do tipo “*Os péø me dói.” ou “*Vigia as criançaø” por falantes de kimbundo. Destacamos de seguida alguns exemplos para demonstrar a ocorrência de desvios, em relação ao PE, a nível dos argumentos frásicos.

A nível do Sintagma Nominal - Sujeito (SN-SU):

F1: O carro está longe.	F2: * Os carroø estão longe.
(Di-kalu dyakala dikanga.)	(Ma-kalu makala dikanga.)

Analisando os exemplos anteriores, verificamos a falta de concordância a nível do sintagma nominal-sujeito entre o determinante (D) e o nome (N) que este determina, em F2, provavelmente por influência da língua materna. Sendo kimbundo, a língua materna do enunciador, uma língua bantu, cuja flexão se opera a nível do prefixo, o raciocínio dentro da lógica dessa língua materna é suscetível de confundir o prefixo com o determinante. Nesta ótica, o

⁸ Via através da qual um falante consegue exprimir melhor o seu mundo, a sua alma, enfim, toda a sua realidade envolvente.

⁹ O asterisco indica “frase marcada”, ou seja, que viola as regras da coesão frásica.

falante pode não sentir necessidade de fazer a concordância com recurso à marca do plural. Portanto, a lógica do locutor, neste caso, é atribuir aos determinantes a função que os prefixos exercem na sua língua materna africana.

A nível do objeto direto e indireto (SN-OD e SN-OI)

SN-OD e SN-OI nominalizados

Tendo como núcleo um nome, o comportamento sintático referido no SN-SU verifica-se de igual modo a nível dos argumentos OD e OI, assemelhando-se a ordem de colocação dos elementos na frase ao ordenamento da frase portuguesa SVO.

F3: Quero o pano.

V OD

(Ngyandala mu-lele.)

OD

F4: *Quero os pano.

V OD

(Ngyandala mi-lele.)

OD

Chamamos atenção para o facto de o locutor de kimbundo não dizer “o carro” e/ou “o pano” quando se quer referir a vários, mas, sim, “os carroø”, “os panoø”. Este tipo de comportamento torna evidente o domínio das noções de singular e plural, bem como a oposição entre elas, por parte do locutor. Mostra, de igual modo, a necessidade do recurso à língua materna africana durante o processamento de enunciados em língua portuguesa.

No que concerne ao OI, uma situação a que importa aludir, tendo em conta as suas implicações no português, é a ocorrência da preposição “ku” ou “kwa” equivalentes às preposições simples “a” e “em”, incluindo as suas realizações. Esse uso bivalente (a/em) torna possível a ocorrência de desvios em enunciados produzidos por falantes de kimbundo com fraca competência em língua portuguesa:

F5: Dei o cão ao Sabino.

OI

(Nga bana imbwa kwa Sabino.)

a/em

F6: *Dei o cão no Sabino.

OI

F7: Ele deu as ovelhas ao meu pai. F8: *Ele deu as ovelhas no meu pai.

OI

OI

(Mwene wabana jimburi kwa tata yami).

a/em

SN-OD e SN-OI pronominalizados

Se quanto aos complementos nominalizados não há grandes casos de relevância, em relação aos complementos pronominalizados a situação altera-se, dado que se vislumbra uma tendência marcante da VAP: a próclise, ou seja, a anteposição do pronome ao verbo. A VAP aproxima-se, nesse âmbito, mais ao português padrão do Brasil (PB) do que ao PE. Não sendo obra do acaso, uma vez mais a influência das línguas bantu joga um papel preponderante no que toca à posição proclítica do pronome. Ora, vejamos:

F8: Nga mumono kya.

Nga mu mono kya

SU OD V ADV

Eu o vi já

[Tradução no PE: Eu vi-o já. / Eu já o vi.]
bananas.]

F9: Nga mubane mahonjo.

Nga mu bane mahonjo

SU OI V OD

Eu lhe dei bananas

[Tradução no PE: Eu dei-lhe

F10: Jingombe nga musumbu'ju

Jingombe nga mu sumbu ju

OD SU OI V OD

Os bois eu lhe comprei os

[Tradução no PE: Os bois comprei-lhos.]

Nota: Inferimos que o facto de as funções de OD e OI ocorrerem em quimbundo, indiscriminadamente, com o prefixo “mu-” no singular e “a-” no plural (= a ele/s, a ela/s, o/s, a/s, lhe/s em português) pode ser responsável pela produção de enunciados como os que se seguem: F11: ¹⁰Ele lhe viu no mercado. (Locutor: Um jovem de instrução secundária) = PE: Ele viu-o/a no mercado; F12: ³Fomos nós que levámos-lhe ao hospital. (Locutor: Um jovem do Ensino Médio) = PE: Fomos nós que o/a levámos ao hospital; F13: ²O João lhe deu uma chapada. (Locutor: Um aluno de 8ª classe) = PE: O João deu-lhe uma chapada.

¹⁰ O ponto de interrogação colocado no princípio da frase assinala frase de construção duvidosa, por isso, agramatical do ponto de vista do PE.

4) Plano semântico

A demonstração de interferências resultantes do contacto entre as línguas angolanas de origem africana e a língua portuguesa tanto ao nível das relações de significado entre pares de palavras, ou entre morfemas, como ao das questões de ambiguidade estrutural, anomalias na disposição das palavras na frase, relações de paráfrase, contradição, implicação semântica e pressuposição, vai ter por base a semântica. Esta área da linguística tem-se ocupado a estudar o significado das expressões linguísticas (sejam elas fonemas, morfemas, palavras, sintagmas, frases), bem como das relações de significado que essas expressões estabelecem entre si e com o mundo (Porto Editora 2003 – 2011). Para orientar as nossas demonstrações, seleccionámos cinco enunciados:

F14: [?]O cabrito malanjinho, nome dele é sobral.

Fonte: Velhas Estórias, de Pepetela, p. 13

F15: [?]Dinheiro não junta, estraga só nos bolos.

Fonte: Velhas Estórias, de Pepetela, p. 113

F16: [?]Comeu o dinheiro do senhor.

Locutor: um velho de instrução primária (Luanda, 13-4-99)

F17: [?]Este é o problema que estamos com ele.

Frase bastante enraizada no seio angolano

F18: [?]A faca que estou com ela.

Locutores: Angolanos de diferentes estratos sociais (sobretudo menos escolarizados).

A análise da F14 permite inferir que o enunciado em causa resulta de uma tradução directa provocada pela ausência do verbo “chamar-se” em kimbundo. Para suprir tal ausência, os falantes socorrem-se da expressão nominal “meu nome é... / nome dele(a) é...”, aproximando-se, nesta ótica, da construção inglesa *my name is...* Semanticamente, nota-se também que enquanto no PE o verbo chamar-se é reflexo, com emprego transitivo (O cabrito malanjinho chama-se sobral), o seu equivalente em kimbundo é uma construção predicativa (O cabrito malanjinho, nome dele é sobral). Situação similar verifica-se nos enunciados F15 e F16. Aqui, a opacidade e fugacidade semânticas convivem lado a lado, podendo dificultar a

compreensão e aumentar a incompreensão da informação subjacente. É curioso verificar as alterações semânticas em relação ao emprego de verbos em cada um dos enunciados. Assim, na F15, que, dita no PE, corresponderia a “Não economiza o dinheiro, gasta-o apenas em doces”, é de destacar o processo inversivo no que respeita a sequência dos argumentos internos da frase, a respeito da topicalização do SU-OD, bem como a variação semântica dos verbos em ambas as línguas. Em F16, correspondente no PE à frase “Gastou o dinheiro do senhor”, embora se possa admitir uma realização similar do verbo no PE no domínio da metalinguagem, aqui prende a nossa atenção o facto de o locutor de língua materna kimbundo não se situar nesse domínio metalinguístico, mas pelo facto de o seu enunciado resultar da influência da língua materna, conforme está expresso em “Kudya kitadi kya...” (literalmente significando “comer o dinheiro de...”). Portanto, há mudança semântica ao nível dos verbos traduzida pela passagem do sentido “comer” para “gastar”, embora mantenham, ambos os verbos, a transitividade. Também é interessante verificar a forma como os verbos “estragar” e “comer” ganham semelhança semântica quanto ao seu emprego em F15 e F16.

Relativamente aos enunciados F17 e F18, sobretudo o F17, ocorrem coloquialmente inclusive em indivíduos com alguma instrução. Efetivamente, apesar de serem construções estranhas no PE, o tipo de enunciados em causa realiza-se na VAP por influência direta do kimbundu, uma vez que há ausência do verbo “ter” nessa língua. Assim, de acordo com Chatelain (1888-89: 8), faz a vez deste verbo [subentendendo “ter”] a base verbal “-kala” (estar), seguida da preposição “ni” (com), isto é, “estar com”. Na mesma esteira perfila Mingas, ao acrescentar que:

Em kimbundu nunca se diz “tenho fome”, ou “tenho uma faca”, ou “tenho um problema”, mas, sim, “estou com fome” ou “a fome está comigo”; “estou com a faca” ou “a faca (que) estou com ela”; “estou com um problema” ou “o problema (que) estou com ele”. (Mingas 2000: 83)

Julgamos, pois, que a introdução do “que” nesse tipo de construções ocorre quando a frase inicia com o possuído e não com o possuidor [item nosso], conforme se pode comprovar nas frases abaixo:

Kimundo:

a)Ngala ni nzala.

b) Ngala ni poko.

VAP:

a) Estou com fome. ou A fome que estou com ela.

b) Estou com a faca. ou A faca que estou com ela.

PE:

a) Estou com fome. ou Tenho fome.

b) Estou com a/uma faca. ou Tenho a/uma faca.

4) Plano lexical

É, sem dúvida, um dos planos em que se nota maior presença angolana na língua portuguesa, sendo também onde se acentuam diferenças significativas entre a variante portuguesa de Portugal e de Angola, pois qualquer sistema linguístico pode manifestar tanto no seu léxico, como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação de dados típicos dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Por outras palavras, cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e lexicais (Biderman s/d). Ora, tratando-se de um país onde ao lado do português se realizam outras línguas, estas vão se interferindo e enriquecendo mutuamente. Esta capacidade de assimilação ou de osmose, que faz parte da vitalidade e do desenvolvimento das línguas, torna a VAP muito rica. Do enriquecimento linguístico interno, parte-se, com naturalidade, para o enriquecimento externo, tornando Angola, no contexto dos PALOP, um dos países, ou, quiçá, o país que mais tem enriquecido a bolsa lexical da língua portuguesa.

O kimbundu assume, nesse particular, um papel preponderante no universo das línguas nacionais de origem africana, por ser, de longe, a língua de onde emana a maior quantidade de neologismos (angolanismos) presentes quer no português de Portugal (PE), quer no do Brasil (PB), muitos dos quais a conquistar novos espaços na diáspora. Casos como *bazar* (ir-se embora), *bué* (abundante), *camba* (amigo), *cota* (velho, adulto), *cacuço* (peixe), *caçula* (o mais novo dos irmãos), *cafuné* (carícia na cabeça), *xingar* (insultar), *muamba* (alimento), *samba* (dança)¹¹ são, entre vários, alguns dos exemplos de

¹¹ Expressões aportuguesadas.

expressões em franca expansão pela diáspora angolana. Acrescem-se outras expressões que, pese embora o uso coloquial e o carácter socioletal na maior parte dos casos, há que reconhecer em algumas um certo uso corrente no dia-a-dia de uma parte considerável de falantes angolanos. Trouxemos, para o efeito, alguns casos a nível dos nomes e verbos¹²:

Tabela 5: Expressões nominais de uso quotidiano

Nome e adjetivo	Significado
Kota	Indivíduo de idade superior, mais velho
Ngapa	Feiticeiro/a
Mwadye	Indivíduo, fulano, tipo
Maka	Problema, conflito
Ndenge	Indivíduo de idade inferior, criança
Kandenge	Criancinha
Ngombidi/ngombela	Mulherengo
Kumbu	Meios financeiros, dinheiro
Nguvulu	Indivíduo diplomata ou responsável
Zongola	Difamação, mexerique
Mbowa	Indivíduo de sexo feminino, mulher, namorada
Mbunda	Quadris, nádegas, rabo
Mambu	Utensílio, coisa, objeto
Komba	Funeral, óbito
Kilapi	Crédito, fiado
Nduta	Condutor
Banda	Terra de origem

¹² Recolha feita durante a nossa estadia em Angola, principalmente aquando da aplicação do inquérito nas províncias de Cabinda, Luanda, Bengo e Luanda. Outros exemplos são fruto da nossa convivência em Angola.

Zungueiro	Ambulante, nómada, sem paradeiro
Desbunda	Diversão, distração, entretenimento
Mwangle	Indivíduo de origem angolana, angolano

Fonte: Adaptação nossa.

Relativamente aos verbos, apresentamos, de igual modo, alguns exemplos elucidativos do que temos vindo a referir, no plano lexical.

Tabela 6: Expressões verbais de uso quotidiano¹³

Verbo	Significado
Bumbar/bulir	Exercer atividade, trabalhar
Bilar	Disputar, lutar
Tchilar	Distrair, entreter,
Pentear	Extorquir, burlar, enganar
Paiair	Afligir, estar com dificuldade
Ancorar	Falir, empobrecer
Ngombelar	Violar, estuprar
Cangar	Pegar, agarrar, deter, prender
Banzelar	Recordar, imaginar, pensar
Mbaiar	Ultrapassar, passar além de, transpor
Zongolar	Difamar, mexericar
Pitar	Comer, alimentar
Tarraxar	Esfregar-se, roçar-se, friccionar-se
Pelar	Jogar
Xinguilar	Agitar-se por influência de divindades
Ndutar	Conduzir
Zungar	Deambular, andar dum lado para outro
Desbundar	Divertir, distrair, entreter, recrear
Dicar	Transmitir informação
Musongar	Comer sopa de peixe
Partir braço	Aproveitar-se de alguém, extorquir

Fonte: Adaptação nossa.

¹³ Expressões verbais aportuguesadas.

Nota conclusiva

Em jeito de conclusão, queremos salientar que a variante angolana do português, que pode ser considerada uma evolução natural daquilo que, por outras razões, se designou “pretuguês”, já se apresenta num estágio diferente de evolução linguística, em comparação com aquele. Por força dessa evolução, o português falado actualmente em Angola é uma variante que expressa a angolanidade, uma característica enriquecida pelo perfume das línguas africanas que lhe conferem uma sonoridade melódica, contendo, desde já, traços próprios proporcionadores de existência autónoma.

As línguas não são sistemas indiferentes entre si. São, pelo contrário, sistemas muito solidários e tolerantes à compenetrabilidade. Por exemplo, a disposição de integração do léxico kimbundu no português e vice-versa, longe de ser uma invasão, é uma incorporação integrativa. Esta capacidade de assimilação, de osmose e de diálogo interlinguístico faz parte, conforme referimos, da vitalidade e do desenvolvimento das línguas.

O importante é não permitir que o processo de contacto de línguas incorpore o espírito das hegemónias herdadas da colonização e da integração de Angola na economia mundial, não favoráveis à diversidade cultural, étnica e linguística. Estarão, assim, criadas as condições para evitar a morte da matriz cultural subjacente em cada língua.

Bibliografia

- Biderman (s/d): Maria Tereza Camargo Biderman, *Teoria Lingüística (Lingüística Quantitativa e Computacional)*, Brasil, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Birmingham (1974): David Birmingham, *A Conquista Portuguesa de Angola*, Porto, A Regra do Jogo (original de 1965).
- Castro (1991): Ivo Castro, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Chatelain (1888/89): Heli Chatelain, *Kimbundu Grammar. Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, Genebra, Typ. de Charles Schuchardt.
- Fernandes *et al.* (2002): J., *Angola: Povos e Línguas*, Luanda, Editorial Nzila.

- Gallisson *et al.* (1983): R., *Dicionário de Didáctica das Línguas*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Inverno (2005): Liliana Inverno, "A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal". In Carvalho, Ana (Ed.). *Português em contacto*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert. http://www.uc.pt/creolistics/research/angola/inverno_forthcoming. Acedida a 12.07.2010.
- Lima (1841): José Lopes de Lima, *Ensaíos sobre a estatística das possessões portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Marques (1983): Irene Maria Guerra Marques, *Algumas Considerações Sobre a Problemática Linguística em Angola*. Separata do Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, I Volume, pp. 205-223.
- Mingas (2000): Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundu no português Falado em Lwanda*, Luanda, Edições Chá de Caxinde.
- Mingas (1998): Amélia A. Mingas, "O português em Angola: Reflexões". In *VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Vol. 1, Macau, Centro Cultural da Universidade de Macau, pp. 109-126.
- Nzau (2004): Domingos G. Ndele Nzau, *Contributo para o Estudo de Ibinda*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, Dissertação de mestrado.
- Porto Editora (2003-2011), "A Semântica". In *Infopédia* [Em linha]. Porto: Porto Editora. Acedida em 21.04.2011. Disponível na [www](http://www.infopedia.pt/$semantica): <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$semantica](http://www.infopedia.pt/$semantica)>.
- Schuchardt (1979-1888): Hugo Schuchardt, *The ethnography of variation: selected writings on pidgins and creoles*. Markey, T. L. (ed. e trans.), Ann Arbor, Karoma (original de 1888).
- Valdman (1978): Albert Valdman, *Le créole: structure, statut et origine*, Paris, Klincksieck.
- Veiga (2004): Manuel Veiga, *A Construção do Bilinguismo*, Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.